



## ACM preocupa Brasília

**A** semana começou sob o signo da sucessão presidencial. De um lado, a confirmação, pelo espaço que passou a ocupar na mídia, do acelerado ritmo de crescimento da candidatura de Ciro Gomes à Presidência da República em 2002; de outro, a preocupação causada pela notícia de que o senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) pode estar tendo problemas de saúde. O

senador baiano é o nome mais cotado para representar o campo liberal na sucessão do presidente Fernando Henrique Cardoso. Mas não é somente por essa circunstância que ganha especial interesse qualquer coisa que ocorra com ele, mas sobretudo porque Antonio Carlos é talvez o mais importante político do País na atualidade.

Internado ontem no hospital Sírio-Libanês, em São Paulo, para se submeter oficialmente a "exame de rotina", o senador minimizou o episódio durante entrevista coletiva divulgada pelos serviços em tempo real, como o Broadcast da Agência Estado. No início da tarde, ele fez questão de atender repórteres, câmaras e fotógrafos que aguardavam sua saída na calçada em frente ao hospital. O senador falou com desenvoltura e desmentiu a informação atribuída a seu médico particular, o cardiologista Bernardino Tranchesi, de que teria se submetido a uma biópsia da próstata. Ele confirmou, entretanto, que fez vários exames clínicos e laboratoriais e ter sido examinado pelo urologista Miguel Srougi, o mesmo que operou a próstata do ex-pre-

feito Paulo Maluf. Mas sublinhou que também nesse caso tratou-se de algo rotineiro.

Segundo informações a que tiveram acesso políticos e autoridades do primeiro escalão do Governo, os médicos que atenderam o senador teriam retirado fragmentos do tecido da sua próstata para avaliar eventuais alterações benignas ou malignas existentes no órgão. De acordo com uma fonte ouvida

por esta coluna, esse tipo de exame é indicado por duas hipóteses: ou para monitoramento regular de saúde, ou na circunstância de que se registram alterações no funcionamento do órgão, tal como ocorre quando surgem sinais de sangue na urina, por exemplo.

Segundo informação que circulou entre os senadores, o presidente do Senado "já estava fazendo exames de rotina a cada 15 dias", e tão

seguro acha-se sobre a qualidade da sua saúde que pretendia evitar transformá-la em assunto público.

Os políticos de modo geral procuram transmitir a impressão de que têm saúde suficiente para desempenhar as mais difíceis funções na vida pública. Por isso escondem o máximo que podem os males que os atingem.

Os exemplos são universais. O líder socialista François Mitterrand, duas vezes eleito presidente da França, durante os 14 anos de seu mandato manteve em segredo que tinha câncer na próstata.

No Brasil existem exemplos negativos e positivos. Os positivos mais recentes foram

protagonizados por líderes que continuam na ativa e a sonhar com o poder supremo: Maluf, já mencionado, e o governador de São Paulo, Mário Covas, que reconstruiu a bexiga e extraiu a próstata no ano passado, dias antes de sua segunda posse. Covas não ocultou seu estado de saúde, embora seja certo que os homens públicos, apesar dessa condição, têm o direito de omitir detalhes da sua vida mais íntima.

Tudo indica que Covas superou bem a fase do tratamento químico, o que continua a fazer dele referência obrigatória na elaboração dos prováveis cenários da corrida presidencial de 2002.

Ficou na memória popular a doença que Tancredo Neves escondeu, imaginando tratá-la somente depois de assumir a Presidência, e que terminou por produzir o mais dramático calvário político da história do País. A sucessão do general João Figueiredo já havia feito outra vítima antes dele: o senador e então ministro da Justiça, Petrônio Portela.

Autor do projeto de anistia assinado pelo último presidente do regime militar, Petrônio Portela era o nome civil dos militares para completar o processo de redemocratização iniciado pela agenda distensionista do general Ernesto Geisel. Em meados de janeiro daquele ano, ele apresentou evidências de enfarte quando se encontrava em Santa Catarina. Assim mesmo, ele fez questão de voltar a Brasília e desembarcar no aeroporto com cobertura de imprensa. Em seguida, o ministro se internou e morreu em sua própria casa, onde os médicos do regime haviam montado quase uma UTI para atendê-lo.

E-mail: ariosto@ageestado.com.br